

# PROCESSOS DE CRIAÇÃO: ESCRITA (ACADÊMICA) E POÉTICAS VISUAIS: INVENTANDO UMA LÍNGUA (OUTRA) PARA CONTAR O QUE NOS PASSA NA EDUCAÇÃO

**Prof. Dra. Anelice Ribetto**  
UERJ/FFP- FAPERJ, Brasil

**Ms. Bruna Pontes**  
UERJ/FFP, Brasil

**Ms. Vannina Silveira**  
UERJ/FFP, Brasil

## RESUMO

Este ensaio é uma composição de dois fragmentos que expressam perguntas que nos acompanham na produção de nossos trabalhos no Coletivo “Diferenças e Alteridade na Educação” (FFP-UERJ) que é um coletivo criado em 2011 que, atualmente, reúne professores da escola básica, professores e estudantes da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, gestores das redes públicas de ensino e famílias –principalmente mães – de alunos ditos “pessoas com deficiências”. Nesta rede problematizamos a produção da normalidade como política presente no campo da pedagogia e que ainda contribui para a exclusão e massacre de pessoas que se afastam da norma criada como vetor de padronização. Por outro lado, e coerente com essa problematização da norma, colocamos também em questão as formas com que a pedagogia tem narrado o outro: desde um discurso profundamente medicalizado (os rótulos...) ou marcadamente judicializado (o discurso de direito como discurso apenas jurídico) para afirmar, desde o coletivo, a invenção de uma narrativa que revele o encontro ético com o outro. Para isso criamos uma diversidade de dispositivos que nos permitem contar esse encontro na alteridade que se encarna na relação com essas pessoas que foram historicamente produzidas como “anormais”, pois problematizam radicalmente a “congruência” dos corpos. Tendo, então, a possibilidade de alteridade como produção investigativa a pergunta que se instala como interrogante é como narrar este acontecimento? Não se trata, pois, de escrever sobre um tema, uma questão, um problema. Se trata de expor as travessias e implicações que o encontro e a emergência com o tema-questão-problema provoca em nós e o que nós fazemos com isso. Assim, afirmamos a escrita de diários, biografemas, crônicas, ensaios, a produção de paisagens sonoras, etc. como uma expressão da aposta na micro-política da diferença.

**PALAVRAS CHAVE:** diferença; escrita; política da narratividade; pensamento; corpo

## 1. ENSAIOS PARA UMA PESQUISA ENTRE DOIS: CRÔNICAS POLÍTICAS E POÉTICAS ENTRE ESCOLAS E HOSPITAL

Este fragmento trata de uma pesquisa que cronicou encontros escolares num hospital e seus efeitos políticos e práticos, tendo o entre escolas e hospital como um espaço legítimo de escolarização das pessoas com condições físicas deficientes e severas, em Itaboraí, município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

Com o conceito de experiência de Larrosa (2002) e por meio de conversas e produção artística de crônicas fora narrados os efeitos gerados pelos encontros pedagógicos no hospital, a partir do encontro com Wenderson, meu primeiro aluno atendido, ao longo de três anos,

Quando nos conhecemos, Wenderson que respirava com auxílio um aparelho de ventilação mecânica, já estava internado a mais de um ano, então esperava encontrá-lo na pediatria. Mas o Wenderson que conheci era um outro, ou melhor, era outros. Era qualquer um. Era adolescente, era marrento, era tímido, alegre, quieto, participativo, brincalhão, calado, paquerador, deprimido, debochado, engraçado, inteligente, implicante... Mais que um paciente com distrofia muscular progressiva, Wenderson era uma pessoa.

Como experimentar a distrofia do corpo do Wenderson no corpo-texto-pesquisa?

Para Wenderson a distrofia era uma forma nova e outra de habitar diariamente seu corpo novo e outro, experienciando formas singulares e não menos difíceis de existência.

E no texto? Qual seria a potência “acadêmica” de um corpo-texto distrofiado? Ou melhor, quais efeitos e possibilidades produzidos pela distrofia no texto, no corpo, na vida?

Corpo-texto que tentou brigar com uma forma única de vida-escrita. Corpo-texto atravessado por mil lados, cores, cheiros, texturas e vazios que os - nos - compõem.

Que forma(s) as formas têm?

Distrofia... DISTROFIA... distrofia... DiStRofIA... DISTRofia... distROFIA...

O que possibilita a distrofia?

Pode possibilitar questionar a Forma?

Pode possibilitar ensaiar outras formas?

Pode possibilitar produzir nenhuma forma?

Pode possibilitar-nos viver condições outras de existência.

Possibilitar nada...

Possibilitar qualquer coisa...

Possibilitar uma forma de escrita outra que assume uma estética distrófica.

Nossos encontros pedagógicos na pediatria tiveram como efeito a força para a instituição de políticas públicas municipais de educação especial e inclusão escolar no hospital. Com a pergunta “*E se o outro não estivesse aí?*” de Skliar (2003), a pesquisa propôs pensar a educação ou a escolarização no hospital como escola outra construída na potência do “estar juntos” e cujas aulas são tecidas entre “conversas”.

Com uma internação longa, a escolarização do Wenderson no hospital tensionou o pressuposto legal da “classe hospitalar”, que como um atendimento educacional especializado tem função de complementar ou suplementar a aprendizagem (BRASIL, 2009). Pois segundo as *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica* as classes hospitalares devem contribuir para o “*retorno e reintegração*” do aluno “ao grupo escolar [...], facilitando seu posterior acesso à escola regular” (BRASIL, 2001, Art. 13, § 1º).

No entanto, tal experiência mais do que continuou seu processo de desenvolvimento educacional, na verdade, reiniciou, haja vista que não estudava há algum tempo e não estava matriculado na educação básica. E, sobretudo a “reintegração”, entendendo esse movimento como um retorno físico à escola, não foi alcançada, mesmo com sua saída do hospital para o “atendimento em ambiente domiciliar”. Assim, não se aplica com o Wenderson a mesma leitura linear da transitoriedade da classe hospitalar, sendo possível pensar os encontros pedagógicos em ambiente hospitalar como escola no hospital, escola outra para pessoas a quem a alteridade radical provoca rupturas nas próprias políticas públicas.

Se Wenderson *não estivesse aí*, talvez não teríamos pensado na possibilidade de um aluno com alguma doença ou deficiência não estar em condição de fazer o percurso do atendimento educacional especializado no hospital para a escola regular. Ele não fez nada disso. Então, obriga-nos a pensar que existem mais existências do que achávamos ter, como a dele. Wenderson é a afirmação da diferença. Diferença que não está na política, está na vida.

Mas como narrar uma experiência-política-prática que se forja no lugar do transitório da vida?

“É possível dizer e escrever o acontecimento na educação sem capturá-lo e aprisioná-lo na representação e na significação? Como preservar a dimensão da exterioridade? Como o acontecimento pode ser mantido na sua irredutibilidade, sem que seja interiorizado? Como narrar o acontecimento que nos passa sem reduzi-lo a uma descrição replicada *do que de fato passa?*” (RIBETTO, p. 61 e 62, no prelo).

Como sustentar a experiência do encontro e mantê-la vulnerável e aberta? Como narrar o menor, o mínimo na educação?

Talvez por meio de crônicas.

Talvez cronicando encontros pedagógicos no hospital. Os instantes escolares (in)significantes, (im)perceptíveis, (im)possíveis experimentados naquela pediatria.

Mas o que seriam crônicas?

Ou diante de impossibilidade de sabê-las e classificá-las, pensar em: como compô-las?

Instaladas no presente, as crônicas costumam ser textos curtos e escritos com uma linguagem próxima à informalidade. E mesmo alimentadas pelo cotidiano o produzem também, principalmente por não descreverem o que seria “real”, mas pela aproximação do vivido, criado e experimentado. Praticamente narrando um cotidiano ficcional.

Por isso os encontros escolares no hospital foram compostos por crônicas, pois elas ajudam a pensar nas potências das conversas, dos afetos, dos silêncios, dos olhares, dos gestos. Pois eternizam os momentos, mantendo-os finitos, pontuais, específicos, subjetivos, singulares. Porque provocam uma relação de diferença com a escrita pela própria escrita, na própria escrita.

Cronicando experimentamos e possibilitamos a experimentação não só de alguns encontros escolares no hospital, mas também dos seus efeitos em nós.

Sabemos que “Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. O método da cartografia implica também a aposta ético-política em um modo de dizer que expresse processos de mudança de si e do mundo” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 169 e 170)

Nesse sentido, ao cronicar tentamos cartografar os encontros pensando a “escrita” acadêmica da experiência no “trabalho de campo” de forma outra. Pensar, escrever de outro jeito, com outros tons, outras cores, num esforço de tensionar outros pensamentos, textos. Num provocar político e poético de dizer e fazer uma pesquisa outra, mais cartográfica, mais implicada, mais distrofiada. Cronicada.

Crônicas como políticas de narratividade éticas e poéticas, “como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 151).

Por isso, depois de cinco anos, volto à pediatria do hospital municipal de Itaboraí, para estar com alunos, com a nova professora, famílias, equipes de enfermagem, médicos, para pensar sobre o desejo de estudar, aprender... sobre a aula como conversação, sobre os atravessamentos nas aulas, as dores, injeções, devires, sobre os espaços escolares na escola praticada no hospital, sobre os currículos inventados, abertos e cheio de experimentação, sobre as práticas escolares com minúsculas.

Volto para cronicar com as pistas do cotidiano, com os acontecimentos mínimos e aparentemente irrelevantes, o possível de ser narrado, cronicado.

Volto outra à pediatria outra. Retorno duro. Re(encontro) com dores, choros, infecções, risco de contaminação...

Volto num outro espaço, num outro tempo.

Volto para sentir o(s) movimento(s).

Cronicar como narrar o que têm atravessado o *entre escolas e hospital* no município de Itaboraí e que de certa forma expressem esse *território escolar em movimento*. No presente. Não para representar a realidade, não para discutir o real, a realidade do que está acontecendo, mas para pensar o que daquilo que está acontecendo nos faz pensar.

Crônica: Passeio sem Lugar: entrar...

Volto ao hospital como para um lugar desconhecido. Volto outra. Voltamos – eu e Wenderson em mim – outros. Voltamos, não como uma volta, um retorno, mas como se fosse a primeira vez. Então, mais do que voltamos, vamos... Numa espécie de passeio, “*para una experiencia de lo real*” (MOREY, 2004, p. 1), como que para “*salvar la dignidad de la experiencia pura*” (Ibidem, p. 7).

Passeando, permito(me) uma abertura para a experiência, com ouvidos, olhos e poros atentos para as sensações, para o instantâneo, efêmero, presente, numa relação mais demorada com o tempo.

O que e quem encontrarei?

Chego à portaria do hospital. Como entro? Entrar é um gesto. Apenas um gesto, que pode compor diferentes formas a partir da minha entrada.

Entrada das visitas?

Entrada dos funcionários? Não sem o jaleco rosa que usava escrito “Pedagoga”.

Entrada principal dos pacientes, sem estar doente. Pensei:

– Como me apresentarei?

Tirei do bolso a “carteira de Secretaria de Educação” e disse ter conversa agendada com o responsável pela pediatria. Tudo verdade.

Mas o hospital estava outro.

A minha entrada foi outra. Entrada com contorno de uma *gestualidade mínima* (SKLIAR, 2011).

Entrei procurando pistas, criando pistas. Entrei com o corpo atento, numa atenção que capta e que faz reverberar o oficial, o maior, o dito, o respirado, o tocado, o ouvido e o não dito, respirado..., o quase ouvido, quase sentido, o caótico. Entrei passando como que sem conhecer o caminho. Destino pediatria. "Classe hospitalar" ... Ou melhor: escola.

Onde estão os mapas? Onde estão as marcas da escola?

Perco-me. Perdem-me.

Subo a rampa. Só vejo paredes brancas e um quadro de alerta sobre a dengue.

Placa: Pediatria. Chequei na escola?

Entro.

Escola? Que escola?

Na antessala da enfermagem, local há muito prometido para a classe hospitalar, encontro três caixas empilhadas com brinquedos, dois banquinhos, dois quadros com imagens de bichos e crianças, uma balança, uma poltrona e um quadro com os nomes das crianças internadas.

Nenhum desenho, nenhum jogo, nenhum livro, nenhuma atividade, nenhuma brincadeira... Nenhuma evidência da presença da professora e de seus alunos, nenhum gesto ou objeto que aprendi como escolar. Como que, após cada aula, por um passe de mágica, a presença daqueles corpos e experiências fosse apagada.

– Não posso deixar materiais, colar materiais. – disse-me um dia a professora, que no momento estava em licença médica.

O espaço mostrava que era o lugar da medicina, da enfermagem, da nutrição, da fisioterapia.

No entanto, segundo conversas anteriores com a professora, naquele espaço também se fazia educação. Pois com sua chegada a rotina de procedimentos e trânsito de pessoas era alterada, modificada. A voz das crianças pronunciava mais do que gritos e choros. E as perguntas também perguntavam outras coisas além da dor.

Mas naquele momento a presença da professora estava ausente. Não mandaram professora substituta.

Lembrando do novo acesso para as emergências infantis, resolvi sair fazendo o trajeto mais esperado para a entrada das crianças.

Mas de diferente apenas dois bancos coloridos em forma de lápis de cor e nada mais. Nada mais que pudesse mostrar ou dar a ver a escola no hospital.

Apenas marcas da ausência.

Marcas do nada.

Marcas do não estar.

Passeios sem lugar.

Passeio no "sem lugar".

E se Wenderson *não estivesse aí?* pergunta Skliar.

Quando Wenderson foi estudar em casa, a escola do hospital ficou sem professora, mas teria outros alunos. Anos depois voltou a ter professora. Tem alunos. Tem escola. Durante a licença médica da nova professora, não tem escola. Não tem? Substitui-se a professora licenciada por outra; durante uma semana se tem professora e alunos. Tem escola. A pediatria é fechada por falta de condições de atendimento das crianças... Tem professora, mas não alunos... Acabou a escola?

Pesquisa em movimento...

Movimento em pesquisa...

Essa é uma transitoriedade da pesquisa? Da escola no hospital?

Ou também: que fragilidades são essas para constante materialização das políticas-práticas públicas? Que duro!

Escola – movimento. Pesquisa – movimento.

Pesquisa instalada no presente, cronicada. Tentativa outra de experimentar o território escolar em movimento, os encontros...

Crônicas “acerca de una pedagogía más humilde, más circunscripta, más acotada y que, a pesar de su falta de virtuosismo, tuviera como única pretensión – des-pretenciosa – el retrato hondo del presente, del instante, del momento, de la situación (pero no de la estructura, pero no de la coyuntura)”<sup>1</sup>

Pesquisa ensaiada, cartografada, cronicada, experimentada, implicada, apaixonada, distrofiada.

E por que uma pesquisa *entre dois*?

“Porque sem o outro não seríamos nada (e não confundir esta frase com aquela outra que se pronuncia habitualmente nos enterros); porque a mesmidade não seria mais do que um egoísmo apenas travestido. Porque se o outro não estivesse aí, só ficaria a vacuidade e a opacidade de nós mesmos, a nossa pura miséria, a própria selvageria que nem ao menos é exótica. Porque o outro já não está aí, senão aqui e em todas as partes; inclusive onde nossa pétrea mesmidade não alcança ver.

E porque se o outro não estivesse aí... mais valeria que tantas reformas nos reformassem a nós mesmos de uma vez e que tanta biodiversidade nos fustigasse com seus monstros pela noite!” (SKLIAR, 2003, p. 29)

Porque sem o outro o encontro não seria possível.

Porque sem o outro não seria possível uma escola no hospital, uma pesquisa entre muitos, entre outros, entre qualquer um.

Por isso esse corpo-texto tratou principalmente de *Encontros*.

Encontro com a educação, encontro com a escola no hospital, encontro com o corpo-texto distrofiado...

Quantos efeitos surgem dos encontros-acontecimentos!

E tudo isso porque Wenderson estava aí!

E aqui!



## 2. BIOGRAFEMANDO A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE DANÇA SOBRE RODAS CORPO EM MOVIMENTO: ENTRE PISTAS DE PRODUÇÃO DE NORMALIDADE E AS ASTÚCIAS CRIADAS PELOS CORPOS

“A gente se inventava de caminhos com as novas palavras” (BARROS, 2003. p. 430)

“Invento para me conhecer” (Idem. p. 425)

Este fragmento conta uma pesquisa em educação que buscou biografemar (COSTA, 2011) a experiência do encontro com os bailarinos do grupo de dança sobre rodas Corpo em Movimento, pensando as pistas que se dão entre a produção da normali-

1. Fala de Carlos Skliar na UERJ-FFP em 2015.

2. Crônica desenhada por Wenderson no seu computador utilizando apenas o dedo indicador direito;

dade com Michel de Foucault e a criação de astúcias como forma de resistência ao instituído, a partir da perspectiva de Michel de Certeau.

A aposta do texto é que diário – ensaio – biografemas - cartografia – pesquisa -conversem entre si em uma grande tessitura de fios. Não havendo possibilidade de separá-los ou dicotomizá-los. São apenas dobras provisórias de um pesquisar “com”, que se propõe a partir de um encontro. Riscam continuamente o contorno de um corpo em movimento.

Neste fragmento apresentamos os diários (LOURAU, 1993) e os biografemas (BARTHES, 2003) como dispositivos que compuseram a escrita da dissertação, uma estratégia de admitir as angústias necessárias para pensar as questões que atravessam o pesquisador na escritura da pesquisa. Uma forma outra de tecer caminhos múltiplos nas diferentes formas de contar ao outro o que nos ocorre, o que nos provoca e nos mobiliza.

Apresentamos o diário de pesquisa como o “fora de texto”, aquilo que naturalizadamente deixamos de fora do nosso texto pronto e acabado, limpo e higienizado. Nessa proposta ética, estética e política nossos escritos do diário ganham potência e passam a integrar a escrita oficial. “A essa escrita quase obscena, violadora da ‘neutralidade’, chamei de ‘Fora do texto’ no sentido literal e etimológico do termo: aquilo que está fora da cena; fora da cena oficial da escritura” (LOURAU, 1993, p. 71).

“Hoje resolvi colocar linhas em todo o diário! Isso me faz lembrar que essa escrita é construída por fios. Por diferentes fios. Uma grande tessitura. Não tem meio, início ou fim. Têm linhas, fios, caminhos...” (Fragmento do diário, 15 de Março de 2014).

É a partir desses fios que propomos a tessitura do texto. Uma forma de restituir, na linguagem escrita, inclusive na impossibilidade de constituir palavra, os caminhos percorridos, os encontros, os confrontos... Meu diário é composto não apenas por letras, mas por fotos, por sensações e pela vida, que não se captura na linearidade porque não se rende a ela.

Outro fio importante nessa tessitura são os biografemas.

O método do biografema desenvolvido por Roland Barthes se propõe a pensar a vida como a construção de um texto. Um biografema não busca narrar a história como um roteiro duro e estático, mas apresenta a vida como potência a partir do que nos escapa. São as brechas, os buracos, as ficções que compomos para falar de uma vida vivida no presente. Pois antes de conta-la ela não era isso que narramos, mas outra coisa.

O biografema é parte de um componente biográfico, não se coloca como oposto da biografia, mas a ela dá sentido, uma vez que “eclode na relação que estabelecemos com aquele sobre o qual escrevemos” (COSTA, 2011, p. 12). Nesse sentido, o que nos atravessa está diretamente ligado ao que escrevemos. Mais do que estar preocupados com uma suposta verdade, uma cronologia dos fatos ou uma possível linearidade dos atos, o biografema se apresenta como possibilidade de falar do encontro. Falar do outro em mim e falar do que me passa no encontro com o outro e ainda contar sua biografia.

Biografemar é me colocar também em movimento. Posto, que naturalizamos a pesquisa construída a partir do pesquisado que fala e do pesquisador que escreve. Nesta escrita biografemática compomos uma tessitura com o que foi vivido e o que se vive no presente – efeitos, vozes, palavras, sentidos.

Biofotografemar é também ensaiar a força das histórias não oficiais – os contornos. O ensaio como nos coloca Larrosa “a forma não regulada da escrita e do pensamento, sua forma mais variada, mais protética, mais subjetiva” (2004, p.32) de habitar esse espaçotempo de escrita da pesquisa. Uma escrita experimental, de uma vida experimental, a partir de um encontro experimental.

Nesse ímpeto ensaiar é experimentar. Experimentar receitas como formas de fazer. Criar receitas, outras formas de fazer. Sentir os odores e paladares de uma possível *escrita-pesquisa ensaística* (RIBETTO, 2009). Ensaiai seria então suportar a imprevisibilidade e a impossibilidade.

### 2.1. Grupo de Dança sobre rodas Corpo em Movimento

Se eu pudesse dizer o que sinto, não precisaria dançar.  
(Isadora Duncam)

A história do grupo de dança sobre rodas Corpo em Movimento não se compõe apenas pela história entendida como oficial – os dados de fundação, as apresentações, as parcerias – mas também a vida dos bailarinos que dão o contorno vivo do grupo. Há que se percorrer pelos contornos dos corpos, o que materializa a dança, para enfim encontrar os vãos, as curvas por onde escorrem as astúcias.

Assim, encontramos na composição dos biografemas fendas possíveis que nos permitem pensar para além do já sabido. Produzir corpos a partir de encontros.

Lembro-me do primeiro dia que cheguei a Associação Niteroiense de Deficientes Físicos<sup>3</sup>(ANDEF) para conhecê-los. Percebi o primeiro abalo, o primeiro arrepio na pele.

“Me pediram para sentar na cadeira (de rodas). Sentir como é dançar na cadeira.

Fiquei sem graça e acabei não aceitando o convite. Penso que não é somente pelo fato de ser tímida, mas também porque não quero passar como ridícula. E apesar da deficiência física eles não se paralisam porque dançam, se jogam no chão, rebolam... e eu cheia de vergonha por que posso em algum momento mostrar as gordurinhas que sobram na barriga. Talvez isso seja ridículo” (Diário, 19 de Maio de 2014)

Não foi possível sair desse encontro intacta.

Por isso o contorno do texto expõe e propõe uma tática de escritura da vida dos bailarinos do grupo Corpo em Movimento. Tentamos contar o mínimo do encontro com os sujeitos dessa pesquisa. Mostrar os arrepios, os suores, os cheiros, os sabores... Contar suas histórias empreendem o esforço e o desejo de falar também sobre suas trajetórias.

“A escrita pode ter uma função estética e política de criação de si. Um desafio que nos convida a transformarmo-nos em meio à própria escrita. A escrita como encontro com a alteridade, como um desmanchar do idêntico, a escrita como um ‘outramento’. Uma estranheza. “Eu não sou eu nem sou outro, sou qualquer coisa de intermédio”. Um outro de si, um outro de outro e, no entanto, não há nenhum ‘eu’ e nem nenhum outro, somente um ‘entre’. “Não ser eu, toda gente, toda parte”. A escrita percorrida por algo que não nos diz respeito e nos é próximo, por algo que se relaciona a nós e nos é distante. Algo que é o próprio desmanchar de mim mesmo. Algo que nos incita a inventar outras formas ao conjugarmos os tantos verbos da nossa vida. Um desafio, uma provocação”(MACHADO, 2004, p. 86)

Como seria então possível contar a experiência (LARROSA, 2002). Contar a vida. De que maneira transpor em papel as marcas de um encontro, de uma conversa, de uma afetação? Como falar do outro em mim? Um texto, uma frase, uma imagem ou um poema? O que conto de mim quando conto sobre o outro? Que elementos entram em cena quando esse encontro acontece?

Os biografemas que costuramos não se estabelecem pela linearidade dos fatos narrados. O que apresentamos também não se trata da entrevista transcrita, mas do que dela emergiu como potência. O que irrompeu como fenda enquanto esse encontro se dava. Estamos a costurar uma história que se dá no presente pelo resgate de uma história passada.

As falas dos bailarinos, as minhas afetações, o diário, empreendem um esforço de pulsar sangue nesse corpo inóspito. Um impulso de burlar a economia escriturística, que tenta postular valor apenas na história escrita e registrada, ignorando as diferentes possibilidades e atravessamentos de uma história vivida por inúmeros sujeitos de infinitas maneiras.

“Uma vida não é um conjunto coerente e estável de fatos que acontecem em um tempo linear, ela é feita de irregularidades, caos, espaços, silêncios, vacuidade. Explosões. Gritos. Lampejos. Excitação. Calmaria. Modulações de si. Com Regina Favre dizemos: nenhum corpo é em si mesmo. Os corpos se processam no/do encontro” (MACHADO; ALMEIDA. Notas sobre escrever [n]uma vida. No prelo)

A aposta é pensar o corpo desses bailarinos a partir das experiências de vida que vão sendo produzidas e contadas, sabendo que esse processo se dá por eles e por mim. “[...] a invenção de si como se fora um “outro”. A história é, pois, atravessada pela fabulação, sendo o biográfico o plano onde estas misturas efetivamente se dão”. (COSTA, 2011, p.30).

Assim, os biografemas que produzimos são efeitos dos encontros realizados ao longo dos dois anos de pesquisa. Nessa trama não nos atemos apenas as entrevistas, mas também as conversas de corredores, os encontros virtuais pelas redes sociais, os ensaios, as apresentações... enfim, sempre que um corpo encontrou com o outro. Não são relatos frios e sem vida de uma história narrada, tampouco um registro pragmático de uma vida. De alguma maneira nos alimentamos dos restos, das sobras, para (re)inventar uma vida.

Biografemar é contornar o corpo pelas sombras, sempre tortas pela posição do sol, as vezes composta pela sombra de outros. É se prender as práticas astuciosas, sorrateiras. Aquilo que passa despercebido no entremeio das narrativas oficiais.

O biografema age com a escrita ordinária, como nos colocaria Certeau, já que nossos saberes parecem se alimentar somente de coisas imóveis.

“A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real” (RAMOS, 1981, p.9)

Nesse esforço seguimos ensaiando e biografemando as experiências.

3. A Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF) é a instituição de onde se origina o grupo de dança sobre rodas Corpo em Movimento. Localizada no bairro de Maria Paula – Niterói – RJ.

Deixando então um vazio, um espaço, reticências... amputando palavr... costurando outras... b-i-o-g-r-a-f-e-m-a-n-d-o

## 2.2. Vanessa Andressa<sup>4</sup>

Vanessa Andressa ainda é criança e os médicos buscam soluções e saídas para fazer o corpo voltar a andar com as próprias pernas. Já se passaram 4 anos desde a última vez que ela caminhou pela casa. Novamente no hospital, o corpo já frágil pela doença precisa aguentar um novo tratamento. Dessa vez um tal de puxar e engessar, puxar e engessar... puxar o máximo para engessar... envolver de gesso o corpo rígido para que ele se mantenha ereto e firme na posição que se deseja. O corpo desobediente deverá a qualquer custo se tornar outro para que Vanessa possa andar novamente. Os sentimentos estão acudados, o corpo também está,

Dobrado,

Pressionado,

Curvado... é preciso esticá-lo.

A cada mês uma nova puxadinha, um processo longo e doloroso para o corpo que já sofre. Passam primavera, verão, outono e inverno e ainda se puxa e engessa o corpo. Foi preciso persistência para moldar o corpo e deixá-lo firme. Vanessa andou. Ainda meio sem jeito, ainda meio desengonçada, mas convenhamos: qual criança não anda assim? Qual adulto não anda assim? O corpo desistiu, obedeceu e esticou.

Corpo esticado. É momento de adentrar a escola. Já se passaram 8 anos desde o nascimento. Ao olhar para os lados não se vê ninguém deficiente. Mesmo de pé, andando com pernas feitas de carne e osso Vanessa ainda se percebe deficiente. A escola, espaço de socialização mais parece espaço de exclusão. É assim que sucessivamente as aulas de educação física são ministradas. Diga-me: há corpo mais educado que o de Vanessa? Educado na marra, no gesso. Ali com certeza não havia de haver nenhum outro tão obediente. A tristeza que invade é resultado da marca de incapacidade carimbada no corpo. Para a professora, Vanessa não pode exercitar-se fisicamente como os outros. Dão-lhe então trabalhos para exercitar a mente.

## 2.3. Luiz Henrique Peregrino<sup>5</sup>

Cada corpo contém mundos e experimentar o corpo de Luiz – mesmo que pelo encontro – foi intenso. Ao me colocar frente a essa experiência atravessei o corpo, fiz do instante da conversa um infinito de possibilidades.

É manhã de 08 de junho de 2003 e Luiz tem 26 anos. O tempo está bom. É domingo, dia convidativo para sair e se divertir. Sentir o vento. Moto e amigos é a combinação perfeita para hoje. O inesperado que surge, aquele que não estava programado se impõe.

Vento. Luzes. Velocidade. BR101.

Luiz está no chão.

As lembranças são apenas as contadas. Ele conversa, mas já não se sente.

Ainda que vivo. Ainda que pulsante. O corpo já não é o mesmo.

Luiz ainda que vivo. Ainda que pulsante. Não é o mesmo.

E de verdade, qual corpo é o mesmo que a segundos atrás?

O corpo é indiscutivelmente movimento, ainda que contra a nossa vontade se torne imóvel.

O acidente aconteceu a tanto tempo que Luiz diz já não sentir dor ao falar dele. Ele estava na garupa da moto de um amigo. Foi arremessado para fora da pista da BR 101 na altura do município de Itaboraí – Rio de Janeiro. As lembranças. O que ele conta é o que lhe foi contado. A história da história, de onde faço nova história. Uma tecitura da vida costurada, contada, falada, narrada. Na lembrança apenas o momento do hospital e a recuperação.

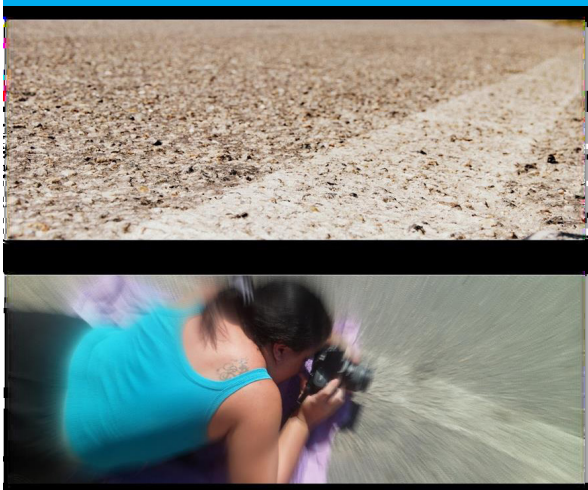
Digo ao leitor que essa imagem, a que produzo na cabeça enquanto escrevo, foi produzida por uma lágrima. Não de giz ou de grafite, mas de lágrima, água concentrada de afetos.

---

4. Bailarina

5. Bailarino





“A chuva, dizem os poetas, os maus e bons poetas, é a pátria úmida da solidão com a qual se fabrica boa parte da escritura. Dentro e fora. Com o passo aventureiro ou quieto. Atrás de uma janela. Seu som repicando sobre um pequeno campanário. A mensagem indecifrável. A decidida vocação do segredo. [...] Se algo te fala ao ouvido é porque chove fora e se algo dizes é porque chove dentro” (SKLIAR, 2015, p.82).

Chove em meu rosto enquanto escrevo essas linhas e ouço a música que me embala. A quem pode sentir, fica difícil imaginar como é não sentir. Fica marcado para mim que a imparcialidade da pesquisa não existe. Meu corpo atravessa as sensações que Luiz vai descrevendo. O não levantar, o não sentir, o não movimentar, o não controlar... o chão, o vento, as luzes, as vozes... a distorção. “a pior sensação do mundo você querer mexer a sua perna, querer levantar e não conseguir. Paralisado. Muito estranho”. (Entrevista 16 de maio de 2015).

Luís fala e me provoca sensações, percebo intensamente que Larrosa (2011) estava certo. A experiência é algo a que se padece. Essa história nunca foi somente sobre eles, ou sobre mim, mas sobre um nós. Um entre corpos, entre carnes, entre ferros, entre rodas. Você sente falta de caminhar? Sinto, sinto falta de sentir o chão, de pisar assim na areia da praia e sentir o pé afundando na areia da praia. Sinto falta da sensação gelada da areia da praia. (Entrevista 16 de maio de 2015).

A recusa pela congruência habita o grupo de dança sobre rodas *Corpo em Movimento*. São corpos que buscam através da música dançar com o que há. Uma perna, duas pernas, uma bunda, sem bunda, uma roda, uma cintura... são diferentes corpos que constituem linhas de força e desafiam a pseudo ideia de normalidade na constituição de uma estética outra de vida. Dançar a partir do corpo que se habita.

O que sustenta essa dança outra não são as apresentações e o espetáculo, mesmo que deles surjam questionamentos importantes, nem tampouco os passos marcados, o que potencializa esse grupo de dança são as trajetórias dos sujeitos que o compõem. As afetações, os usos, as marcas que são produzidas neles, por eles e por nós ao encontrá-los, ao assisti-los. O que pensamos? O que nos desestabiliza? O que nos faz pensar este grupo em movimento?

É contando a vida, inventando vida, que nos damos conta que é no espaço do cotidiano que emergem as microresistências. Nesse jogo da vida aprendemos a manusear as linhas abrindo fendas, contornando, emendando, dando nós e amarras, construindo novas malhas, novas colchas. “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2013, p. 38).

O corpo também se reinventa, se desdobra, dobra, curva... se faz outro.

A escrita, então, precisa se reinventar. Se desdobrar. Se dobrar. Se curvar... se fazer outra.

A escrita precisa tremer... duvidar, como um corpo: produzir os processos de criação e no mesmo processo, escrever. Como nos disse a querida Célia Linhares “Se há um fascínio que aprecio no exercício da escrita é essa indefinível atração para transfigurar a vida, expandindo e deslocando fluxos de pensamento, em uma produção existencial e coletiva. Se esses movimentos não desprezam heranças, tidas por muitos como perdas, eles também não correm atrás de respostas certas, capazes de ir matando minutos, horas e dias, por buscarem, principalmente, nas entrepalavras e entrelinhas, o que mais faísca, como perplexidades e perguntas, acendendo a mais importante das artes: a de viver, recriando-nos e recriando a vida em interligações viscerais, sempre efêmeras e incessantes, sempre potentes para nos destruir, sem eliminar a possibilidade de nos propor recomeços.” (2016, p.10)

6. Biofotografema produzido por Bruna Pontes: velocidade...

## BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. In: *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília: MEC, 2001.
- Ministério da Educação. *Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009*. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. 20. Ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- DUNCAM, Isadora. *Fragmentos Autobiográficos*. Rio Grande do Sul: L&PM, 1981.
- LARROSA, Jorge. *A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida*. Revista Educação e Realidade. V. 29, nº 1, 2004.
- LINHARES, Celia. Escrever e viver: estranhamentos e entranhamentos recíprocos. IN: RIBETTO, A. e CALLAI, C. Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções. RJ: Lamparina, 2016;
- *Experiência e Alteridade em Educação*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez. 2011.
- *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. IN: Revista Brasileira de Educação, nº 19, p. 20-28, 2002.
- LOURAU, René. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.
- MACHADO, Leila Domingues. *O desafio ético da escrita*. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822004000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822004000100012&lng=en&nrm=iso)
- MACHADO, Leila Domingues; ALMEIDA, Laura Paste. Notas sobre escrever [n]uma vida. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: FAPERJ-Lamparina. No prelo.
- MOREY, Miguel. Kantspromenade – Invitación a la lectura de Walter Benjamin. In: *Páginas Centrais*. La Central, 2004.
- PASSOS, E.; BARROS, R. D. B. Pista 8: Por uma política da narratividade. In: ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, V.; PASSOS, E. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 150-171.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- RIBETTO, Anelice. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (Org.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016
- RIBETTO, Anelice. *Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2009.
- SKLIAR, Carlos. *Isto não é um livro de poemas*. Rio de Janeiro: Texto território, 2015.
- *Lo Dicho, Lo Escrito, Lo Ignorado: ensayos mínimos entre educación, filosofía y literatura*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.
- *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* [tradução, Giane Lessa]. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

## CURRÍCULO

### Prof. Dra. Anelice Ribetto

Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Coletivo Diferença e Alteridade na Educação e do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação. Pesquisadora Procientista da UERJ e Jovem Cientista de Nosso Estado/FAPERJ, Rio de Janeiro, Brasil.

### Ms. Bruna Pontes

Mestre em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com Bolsa CAPES. Membro do Coletivo Diferença e Alteridade na Educação. Professora da Rede Municipal de São Gonçalo, RJ, Brasil.

### Ms. Vannina Silveira

Mestre em Educação Programa de Pós-Graduação em Educação- Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Coletivo Diferença e Alteridade na Educação. Professora da Rede Municipal de Itaboraí, RJ, Brasil.